

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: SUAS MARCAS NA ORALIDADE,
VALOR CULTURAL E RELAÇÃO COM A CONSTRUÇÃO
DA IDENTIDADE DO INDIVÍDUO POR MEIO
DO GÊNERO HISTÓRIA EM QUADRINHOS**

Thalitta Mascarenhas Custódio Dias (UEMS)

thalittamcd2@gmail.com

Adélia Maria Evangelista Azevedo (UEMS)

adeliaevan@hotmail.com

Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros (UEMS)

chaves.adri@hotmail.com

Natalina Sierra Assêncio Costa (UEMS)

natysierra2011@hotmail.com

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo trabalhar o conteúdo variações linguísticas, com foco no aspecto regional, por meio do gênero Histórias em Quadrinhos, doravante HQ. Para tanto, serão abordados, inicialmente, conceitos de texto – visto que, ao serem questionados se as HQ são textos, os estudantes respondem, muitas vezes, que não são –, bem como os tipos de textos (verbal, não verbal e misto) e os níveis de linguagem (formal e informal). Na sequência, conceitos relacionados às variações linguísticas, direcionando o estudo para as variações regionais, chegando à análise de uma HQ da personagem Chico Bento, com seu dialeto caipira, criação do cartunista Maurício de Sousa, em que, na narrativa, Genesinho, que também morava na roça, vai para o Rio de Janeiro estudar e retorna com o sotaque carioca, provocando estranhamento em Chico. A história foi publicada na revista *Chico Bento*, número 60, em 2011. Para elucidar os conceitos será utilizada como base teórica Gomes e Souza (2017) e Val e Vieira (2005), as quais abordarão, além da linguagem, fatores como a interação do discurso conforme a situação em que o texto é produzido, vestimenta das personagens, influências políticas e ideológicas estabelecidas pela linguagem, e como tais aspectos conferem autenticidade e definem características da identidade das personagens; Marcuschi (2010), tratando das variações da língua conforme o tempo e o espaço, bem como suas transformações a partir dos grupos sociais que a utilizam, de modo que o estudante reflita acerca do valor de cada dialeto, bem como sobre o uso adequado da língua conforme o contexto apresentado, reconhecendo a necessidade de desenvolver habilidades e competências que lhe possibilitem, também, dominar o uso da língua em situações formais, dado o poder que essa lhe confere.

Palavras-chave:

Texto. Variação linguística. História em quadrinhos.

ABSTRACT

The present study aims to work on the content of languages, focusing on no regional aspect, through Comics Genre, from this point on and being more specific,

HQ. To do so, text concepts will be addressed initially – since when asked if the comic books are texts, students often answer that they are not – as well as the types of texts (verbal, nonverbal and mixed). And the language levels (formal and informal). Following, concepts related to linguistic variations, directing the study to regional variations with the analysis of a Chico Bento's Comic book, which is a character who speaks with a peculiar rustic dialect; creation of the cartoonist Mauricio de Sousa. In the narrative, Genesinho (another character), who also lives in the countryside, goes to Rio de Janeiro to study and returns with the “carioca” accent, causing strangeness in Chico. The story was published in Chico Bento magazine, number 60, in 2011. To elucidate the concepts it will be used the theoretical basis of Gomes and Souza (2017) and Val and Vieira (2005), which will address, in addition to language, factors such as the interaction of discourse according to the situation in which the text is produced, characters' clothing, political and ideological influences established by language, and how such aspects confer authenticity and define characteristics of the characters' identities; Marcuschi (2010), dealing with the variations of language according to time and space, as well as its transformations from the social groups that use it, so that the student reflects on the value of each dialect, as well as on the proper use of language according to the context presented, recognizing the need to develop skills and competences that also enable him / her to master the use of language in formal situations, given the power it gives it.

Keywords:

Comics. Text. Linguistic variation.

1. Introdução

Os avanços tecnológicos e a ampla propagação dos meios de comunicação ofertados na contemporaneidade possibilitam-nos conhecer mais os aspectos que permeiam a relação entre a oralidade e a escrita, bem como suas variações e adequações do uso aos níveis formal e informal da linguagem. Ao analisar uma determinada comunidade de falantes, é preponderante levar em consideração que a língua varia no tempo e no espaço, sofrendo transformações de acordo com o contato com novos grupos sociais, regionais e a evolução de seus usuários, haja vista que esta não é fixa e imutável (MARCUSCHI, 2010).

No âmbito da sala de aula, é possível verificar a dissensão dos alunos no que tange ao uso adequado da linguagem conforme os níveis de formalidade característicos de cada contexto, evidenciando-se, por exemplo, nas produções textuais propostas durante as aulas. Tal fator torna-se prejudicial na medida em que a construção do conhecimento do indivíduo decorre da aquisição e domínio da norma culta da língua – tanto na fala, mas precipuamente na escrita, conduzindo-o ao exercício de sua cidadania de forma ética e democrática nos diversos contextos sociais, permeados pelo emprego das habilidades e competências desenvolvidas

com a finalidade do uso formal da língua a partir do ambiente escolar.

Os alunos trazem consigo diferentes tipos de conhecimento sobre a linguagem, dada a face heterogênea imanente desse sistema, cujos usos são controlados por variáveis estruturais e sociais, sejam estas agentes internos – língua materna – ou externos – marcadores regionais e tendências de uso da língua caracterizadas pelo perfil sociolinguístico, apresentando-se num contínuo processo de aquisição da escrita no ambiente escolar, e, inicialmente, escrevem baseando-se na oralidade (MOLLICA, 2017). Dessa forma, faz-se notória a necessidade de que as variáveis – tanto linguísticas quanto não linguísticas – operem em conjunto, formando correlações que inibem ou beneficiam o emprego de variantes semanticamente equivalentes.

Considerando a relação entre língua, texto e interação, fica evidente que o ensino e a aprendizagem da linguagem escrita são permeados pela atuação do professor em sala de aula: as atividades propostas, formas de avaliação – seja na leitura, produção textual ou mesmo no processo de alfabetização – e metodologias passam, essencialmente, pela concepção de língua e linguagem do docente, a partir da qual é produzida a compreensão de conceitos relacionados ao texto, bem como a maneira como este será tratado em sala de aula (VAL e VIEIRA, 2005). Portanto, é necessário liberdade ao educando para tentar e errar, de forma que os erros sejam parte relevante do processo de aprendizagem, a fim de que possam ajudar o professor a planejar sua metodologia buscando identificar as dificuldades para auxiliar o aluno a superá-las. Sob essa ótica, torna-se interessante o contato dos alunos com o gênero HQ, o qual facilita a sua compreensão quanto ao uso da linguagem em contextos diferenciados que lhes são familiares, por meio de personagens com as quais se identifiquem, além do emprego de imagens, cores, onomatopeias e outros recursos linguísticos que tornam a leitura ainda mais atrativa e prazerosa.

Uma das autoras do presente trabalho, Thalitta Dias, professora de língua portuguesa efetiva em duas escolas estaduais localizadas em Coxim-MS, aluna no Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede, PROFLETRAS, na UEMS – Unidade Universitária de Campo Grande-MS, partindo do incômodo que sempre lhe causou a dificuldade dos alunos com o uso da linguagem em situações que exigem formalidade, passou a se questionar em que medida poderia intervir, por meio de uma metodologia estrategicamente elaborada, de modo a contribuir para a resolução dessa problemática. Inspirado na premissa aqui exposta, o presente trabalho tem por objetivo principal realizar, com alunos do 6º ano

do Ensino Fundamental de uma Escola Estadual localizada no município de Coxim-MS, a análise de uma HQ de Chico Bento, com seu falar caipira, cuja narrativa discorre sobre a personagem Genesinho, que vai estudar no Rio de Janeiro e retorna à roça com marcas do sotaque carioca, fato que provoca estranhamento em Chico. A pesquisa abordará, ainda, fatores como as vestimentas, influências políticas e ideológicas estabelecidas pela linguagem, e como tais aspectos conferem autenticidade e sugerem a identidade das personagens, estimulando a reflexão do aluno acerca do valor de cada dialeto e a gama de possibilidades que os recursos da língua portuguesa viabilizam para o seu uso, conforme o objetivo e contexto apresentados, levando o leitor a reconhecer a necessidade de desenvolver habilidades e competências que viabilizem o domínio e o emprego da língua em situações formais.

Como objetivos secundários, o trabalho apresenta:

- Despertar a consciência para as diferenças entre as modalidades oral e escrita;
- Estimular o aluno a refletir acerca da cooperação das variáveis linguísticas e não linguísticas conforme o contexto em que o uso se apresenta, favorecendo a percepção da influência da linguagem sobre a identidade do indivíduo e valores culturais;
- Viabilizar o contato do estudante com o gênero HQ, bem como o conhecimento de recursos linguísticos, estratégias de utilização e efeitos de sentido.

No próximo item serão apresentados os conceitos de textos, que serviram para confrontar as ideias que os alunos trazem, quando foi feita aplicação da pesquisa entre eles.

2. Sobre o texto

A palavra “texto”, cuja acepção parece bastante ampla atualmente, pode designar, além do texto escrito – significado mais comum atribuído ao seu conceito, imagens, gráficos, fala e outras modalidades. Essa palavra é derivada de *textus*, do latim, que tem a mesma origem de *tecido*, *tessitura*, *tapete*, e significa “narrativa escrita”, em sua forma substantiva, mas originalmente significava “material de tecido”. Koch mapeia o verbete estruturalmente dizendo que: “Um texto não é simplesmente uma

seqüência de frases isoladas, mas uma unidade linguística com propriedades estruturais específicas” (KOCH, 1989, p. 11). Para Halliday (1973), citado por Koch (1984, p. 22): “o texto, em sentido estrito, é uma unidade de língua em uso, unidade semântica: não de forma, e sim de significado”.

Estudos relacionados a teorias da enunciação, texto e discurso têm demonstrado, de forma perspicaz, que a compreensão da natureza de uma língua está intrinsecamente ligada ao seu funcionamento social, haja visto que esta se constitui como um sistema organizado para atender e servir à interação humana, – fenômeno histórico, social, político e ideologicamente marcado (VAL; VIEIRA, 2005). Partindo desse ponto de vista, é possível afirmar que o texto é concebido como produto linguístico da atividade interacional de que os sujeitos participam, o qual resulta da articulação dos elementos somada às condições de produção, fator que exclui a restrição de seu significado à soma de sentidos emitidos pelas palavras que o compõem – quando analisadas isoladamente – ou ainda a um conjunto de enunciados que o constituem; é no texto que a linguagem se manifesta.

[...] o essencial na tarefa de decodificação não consiste em reconhecer a forma linguística utilizada, mas compreendê-la num contexto concreto, preciso, compreender sua significação numa enunciação particular. Em suma trata-se de perceber seu caráter de novidade e não somente sua conformidade à norma [...] (BAKHTIN, 1990, p. 93)

Dessa maneira, é pertinente afirmar que um mesmo texto pode sugerir sentidos diferentes, conforme a situação de interação linguística. Por exemplo, a frase “você quer sair da sala?” se utilizada numa sala de aula por um professor irritado com seu aluno indisciplinado, produzirá um efeito de sentido diferente se utilizada por um marido à sua esposa grávida, numa sala cheia de gente, enfumaçada e barulhenta. Sendo assim, sob a perspectiva interacionista, o texto passa a ser visto como o espaço em que a ação entre os sujeitos, constituídos sócio-culturalmente, constrói-se a partir da manifestação da linguagem, atividade dialógica que visa à construção de sentido considerando um determinado contexto e suas condições de produção.

2.1. Conceitos de texto

Há algum tempo, compreendia-se como texto apenas a escrita categórica cuja linguagem mostrava-se “clara e objetiva”. Hoje, partindo da

concepção interacionista, o processo de construção do texto passa a ser considerado uma atividade discursiva em que os falantes reconhecem as possibilidades e limites que a língua lhes dispõe. Logo, considerando a situação de produção, têm liberdade para selecionar e organizar os recursos linguísticos que julgam mais adequados a fim de criarem o efeito de sentido que almejam para o seu texto (VAL; VIEIRA, 2005).

Considerando apenas a linguagem verbal, o texto pode ser entendido como uma produção linguística falada ou escrita, resultante da atividade dialógica entre sujeitos – para o qual constroem sentido a partir de uma situação de interação. Sob essa ótica, passa a ser considerado texto um *e-mail*, uma conversa ao telefone, uma aula, uma enciclopédia e até mesmo a fala de uma criança que, dirigindo-se à mãe, aponta um brinquedo e diz: “tê”.

Sabe-se que a palavra “tê” não compõe o léxico da língua portuguesa, não havendo, então, sentido para tal, se analisada isoladamente. Entretanto, se observada no contexto, passa a ser a manifestação linguística de uma atividade discursiva praticada por sujeitos que compartilham vivências sociais e culturais. Esse fator possibilita à mãe interpretar a fala da criança, que produz a mensagem de acordo com as suas possibilidades naquele momento, como um pedido de que lhe dê o brinquedo. Dessa forma pode-se concluir que o sentido não está no texto em si, mas é coproduzido pelos interlocutores por meio do uso da língua sob influência do contexto em que se dá a interação linguística.

2.2. Tipos de textos

A estrutura na qual o texto é apresentado define a sua tipologia, ou tipo do texto, podendo este ser narrativo, descritivo, dissertativo, injuntivo ou expositivo, classificação determinada a partir da sequência de conteúdos internos apresentados, bem como da organização que o caracteriza. Cabe ainda ressaltar que tipologia difere de gênero textual, visto que este apresenta função comunicativa e características específicas de estrutura e estilo, sempre inserido em algum contexto social, seja na modalidade oral ou escrita. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) apontam que “Os textos organizam-se sempre dentro de certas restrições de natureza temática, composicional e estilística, que os caracterizam como pertencentes a este ou àquele gênero. Desse modo, a noção de gênero, constitutiva do texto, precisa ser tomada como objeto de ensino” (PCN, 1996, p. 23).

O presente trabalho utilizará o gênero História em Quadrinhos, com as tipologias narrativa e expositiva, a fim de desenvolver nos alunos competências linguísticas que lhes confirmam habilidades de distinção dos possíveis usos da língua, tanto na oralidade quanto na escrita, por meio da prática da leitura e contextualização a partir do estudo das variações linguísticas e do funcionamento da língua.

3. *Variações linguísticas*

A existência de povos, territórios, países e quaisquer outros lugares sempre justificará o uso de uma língua para expressar valores culturais e marcas da identidade do povo que a utiliza com fins de comunicação, prática imprescindível para a convivência entre sociedades. Conforme elucidada Saussure, é a partir desse sistema de signos vocais e linguísticos que o falante dispõe de inúmeras possibilidades de recursos e combinações que lhe permitem optar pelo emprego de diversas variações no processo de comunicação presente num contexto histórico da linguagem de uma determinada sociedade, motivado por aspectos sociais, valores regionais, linguísticos e econômicos que transitam numa fronteira entre tempo e espaço e moldam vários aspectos de sua identidade por meio do uso da linguagem.

Saussure (1995 [1965], p. 15-23) levantou uma questão que repercute até hoje nos estudos linguísticos: a distinção entre língua e fala – nesse caso, considerando o termo fala em seu sentido amplo, abrangendo tanto o uso falado quanto o escrito – na qual caracteriza a língua como um sistema de signos abstrato, que compõe patrimônio social de uma comunidade, enquanto a fala é a manifestação concreta da língua nos textos produzidos pelo emissor, sejam estes falados ou escritos, propondo uma reflexão acerca do conhecimento interior do indivíduo e sua manifestação externa, ou seja: a língua representa o conhecimento interno que permite ao enunciador manifestar-se na fala. É por meio da língua (código) que um emissor comunica ao receptor uma determinada mensagem e, para que a comunicação se efetive, de fato, é necessário que esse código seja dominado pelos falantes, bem como utilizado de maneira convencional e pré-estabelecida. Para Val e Vieira (2005), ao longo da história, moldado por necessidades político-sociais de uniformização e valorização de uma língua nacional, dos estudos gramaticais resultou a validação de uma das variedades da língua como padrão culto, estabelecida a partir de um conjunto de prescrições relativas ao emprego de recursos em

consonância com as descrições da variedade padrão, conjunto de fatores que suscitaram a gramática normativa, até hoje ensinada nas escolas. Considerando que os falares ocorrem de maneira distinta entre os falantes de uma determinada comunidade, visto que a língua varia no tempo e espaço, nota-se a importância de reconhecer as variações existentes nas diferentes regiões do país, como também no próprio indivíduo enquanto falante de um determinado código linguístico, não sendo possível ignorar tal fenômeno, haja vista que este é inerente ao sistema linguístico. (QUEIROZ, 2015)

Em face dessas considerações, revela-se a magnitude teórica e metodológica dos estudos sobre o uso da língua, base da socialização do indivíduo quando exposto a situações de comunicação, as quais o possibilitam refletir sobre o emprego dos itens lexicais conforme o contexto apresentado, como também viabilizar produções discursivas concretas cuja identidade seja perceptível pelo sentido – a partir da estrutura, marcas e características que a autorizam (BRAGA, 2017).

No próximo item, serão trabalhados os conceitos básicos sobre as histórias em quadrinhos, que serviram de suporte para o trabalho.

4. Sobre as histórias em quadrinhos

4.1. O percurso dos quadrinhos

As histórias em quadrinhos são consideradas narrativas de textos sequenciais em conjunto com imagens e balões delimitados por uso de quadros. A utilização de desenhos para a comunicação do homem é antiga, também foram utilizados pelos nossos ancestrais para registrar as festas, lutas, caças e vivências entre si, como podem comprovar os registros encontrados, e os mais estudados.

A história em quadrinhos, como conhecemos hoje, surgiu nos Estados Unidos, no final do século XIX, como uma forma inovadora e inédita de comunicação em massa e devido à evolução da indústria tipográfica e o surgimento de grandes ramos jornalísticos.

Os Estados Unidos foram considerados o local mais apropriado para o desenvolvimento desse gênero textual devido às vantagens que o país disponibilizara, sejam tecnológicas, de amparo econômico ou social para consagração das histórias em quadrinhos.

No Brasil, o surgimento das histórias em quadrinhos veio com o pioneiro Ângelo Agostini, um italiano radicado no País, jornalista, crítico da monarquia e defensor da abolição da escravatura, com a obra *As Aventuras do Nhô Quim ou Impressões de uma Viagem à Corte*, publicada em 30 de janeiro de 1869 na *Revista Vida Fluminense* (CALAZANS, 1997, p. 5). *As Aventuras do Nhô Quim ou Impressões de uma Viagem à Corte* foi uma forma que Agostini encontrou de criticar, de forma irreverente, os costumes, os problemas urbanos e os hábitos sociais e políticos da época. Os alvos da crítica eram variados, transitando desde a higiene pública até a ganância dos comerciantes da época.

4.2. A linguagem das histórias em quadrinhos

A interação entre diferentes linguagens e recursos é uma das marcas presentes no processo de comunicação humana. Assim, as histórias em quadrinhos se mostram um importante veículo de integração de múltiplos recursos comunicativos, revelando seu potencial expressivo e possibilitando a construção de diversas narrativas.

Antes da popularização dos quadrinhos, a utilização da imagem – acompanhada ou não de texto – já era praticada por muitos povos ao longo dos tempos. Contrastes entre luz e sombras, mudanças de perspectiva, conflito de linhas, além de vários outros elementos podem ser encontrados em diversos meios, seja em uma história em quadrinhos, filme, desenho animado ou romance.

É possível, ainda, identificar uma relação de proximidade entre os quadrinhos e o cinema, artes que constituem vasto diálogo que faz uso de elementos semelhantes na elaboração de suas obras. Os quadrinhos, um suporte de comunicação de massa bastante visual, conseguem efeitos tão próximos aos do cinema, e representam movimentos a partir de imagens estáticas, cujas sequências encadeadas possibilitam a narrativa de histórias mais complexas. Fazendo uso de recursos como o desenho, as linhas, as cores, o texto etc., os quadrinhos conseguem extrapolar o papel, garantindo assim a elaboração de enredos ágeis e com características bastante cinematográficas.

A seguir apresentaremos a história escolhida e a caracterização do personagem Chico Bento para o trabalho.

5. Sobre a história escolhida

5.1. Chico Bento: origem

Em 1961, quando Jânio Quadros renunciava à presidência da República do Brasil, Maurício de Sousa cria uma das personagens mais citadas e queridas nas histórias em quadrinhos do Brasil, e que se tornaria a personagem que afirma sua nacionalidade brasileira e rural, Francisco Antônio Felício Bento, o popular Chico Bento.

A personagem nasceu a partir das observações do cartunista junto ao homem do campo, em uma área muito próxima a Mogi das Cruzes e ao Vale do Paraíba, interior de São Paulo.

O nome Chico Bento foi emprestado de um tio-avô de Maurício, que nem chegou a conhecer, mas do qual, de tanto ouvir histórias hilárias contadas por sua Vó Dita, já criara a imagem.

O nome Chico é a forma reduzida de Francisco, e nos leva à alusão, dentre muitas outras, a São Francisco de Assis, personagem da tradição cristã católica destacada por sua simplicidade, e protetor dos animais.

Vergueiro (1985, p. 150) afirma que Chico Bento surge na obra de Maurício de Sousa como menino caipira baseado no Jeca Tatu, de Monteiro Lobato, que fala um português típico do interior paulista e suas características são muito próximas às da personagem criada por Lobato na década de 1930, uma figura do campo sempre de pés descalços, calças pula-brejo e com o inseparável chapéu de palha, e tem um companheiro fiel em quase todos os momentos: o de Jeca é o cachorrinho, e o de Chico Bento é a galinha Giselda, carinhosamente chamada por “Giserda”, e que também é “falante” do dialeto caipira.

5.2. Características

Chico Bento possui características que o diferem das demais personagens criadas por Maurício de Sousa: o meio em que habita (campo), o estilo de se vestir, a maneira de falar e os valores pessoais.

De família tradicional e do meio rural, Chico Bento compõe o perfil do sujeito homem do campo, assim como toda a sua família, pois cuidam da terra, plantam e colhem para se alimentar de maneira saudável.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Tem atenção especial com os animais, rios e plantas, dedicando-lhes carinho e tratando-os como se fossem, de fato, membros familiares. Tem coração puro, ingênuo, não gosta de injustiça, ama tirar uma sonequinha após o almoço, é tranquilo e nem com os estudos se preocupa; suas vestimentas são simples, em comparação às roupas da cidade.

A personagem foi criada, a princípio, para homenagear os povos ribeirinhos, e permanece encantando e representando o homem do campo com os costumes que compõem um Brasil rural. Nesse contexto, a modernidade e a tradição se correlacionam: o contemporâneo é a demarcação do tradicionalismo, assim como o tradicional demarca o contemporâneo.



Fases da personagem Chico Bento desde a sua criação até os dias atuais.

5.3. Criador

Cartunista e empresário brasileiro, Mauricio de Sousa é o criador do Chico Bento, como também da Turma da Mônica, dentre outras personagens de história em quadrinhos. É membro da Academia Paulista de Letras, da qual ocupa a cadeira nº. 24. É o mais famoso e premiado autor brasileiro de história em quadrinhos.

O artista nasceu em Santa Isabel, São Paulo, em 27 de outubro de 1935. Filho do poeta Antônio Mauricio de Sousa e da poetisa Petronilha Araújo de Sousa, passou parte de sua infância em Mogi das Cruzes.

Em 1954, mudou-se para São Paulo e começou a trabalhar no jornal *Folha da Tarde*, como um repórter policial.

Em 1959 convenceu o editor a publicar uma tirinha vertical semanal e, a partir daí, trocou a máquina de escrever pela prancheta. Nessa época, criou sua primeira personagem – o cãozinho “Bidu” e seu dono “Franjinha”. Nos anos seguintes, foram surgindo novas personagens, inclusive o Chico Bento, em 1961.

5.4. A revista

A narrativa utilizada para análise e estudo das variações linguísticas denomina-se *Chico Bento em apuros de Natal*, e encontra-se na revista *Chico Bento*, número 60, de 2011. Inicialmente mostra as personagens Rosinha, Chico Bento e Zé Lelé, que vivem na roça, evidenciando o seu falar caipira ao tempo em que preparam uma barraquinha para a quermesse de Natal, situação também característica do contexto elucidado. O conflito da narrativa é iniciado com a chegada de Genesinho, personagem que também morava na roça, mas foi estudar no Rio de Janeiro, retornando, para o Natal, com o dialeto característico da cidade, bem como as marcas da oralidade. É explícita, no decorrer da história, a diferença entre as falas das personagens, assim como as vestimentas, a comida mencionada por cada uma e o estilo de vida, fatores que evidenciam características que denotam marcas da identidade dos sujeitos que compõem a atividade de interação no discurso. O humor da HQ reside no fato de a linguagem utilizada por Genesinho causar estranhamento em Chico, agravado pelo ciúme que este sente de Rosinha com a chegada da personagem, possibilitando uma leitura atrativa e interessante da narrativa, que explora os recursos linguísticos aqui mencionados de uma forma agradável e encantadora.

No próximo item, mostraremos como foi feito o processo em sala de aula.

6. Aplicação em sala de aula e análise

Inicialmente, os estudantes foram questionados sobre o que entendem por texto, e se consideram a HQ um texto; a maioria respondeu que não a considera, pois, segundo alguns alunos, utiliza muitas imagens, e em certos quadrinhos não consta nada escrito. Diante da situação, foram trabalhados com os estudantes os conceitos de texto, gêneros e tipologias textuais, bem como as possibilidades de linguagem utilizada em situações específicas, podendo ser verbal, não verbal ou mista, além dos níveis formal e informal, exemplificados nos quadrinhos de Chico Bento.

Após elucidar acerca dos pontos supracitados, a professora proporcionou um momento para apreciação e análise da HQ, exposta aos alunos por meio do *data-show*, abrindo a discussão sobre as características das personagens, linguagem utilizada, vestimentas, lugar onde moram, bem como sua relação com os demais conceitos abordados durante a au-

la, estimulando-os a refletir sobre a forma como tais aspectos influenciam na formação de sua identidade, de modo que reconheçam a importância de desenvolver habilidades e competências que lhes possibilitem distinguir o grau de formalidade de cada situação, bem como a relevância do conhecimento da gama de recursos linguísticos para o uso nos mais diferenciados contextos, inclusive sua importância em situações formais do dia a dia, dada a liberdade e poder que esta lhe confere.

Por fim, foi proposta aos alunos a produção, em dupla, de uma HQ, por meio do *app Hagáquê*, na qual eles deveriam desenvolver uma narrativa utilizando os recursos expostos e discutidos durante as aulas, devendo apresentar coerência entre as personagens, o contexto, a linguagem e os demais aspectos analisados (ambiente, vestimentas etc.), elegendo uma situação do dia a dia para representar por meio de sua produção, concluindo-a com uma breve análise dos recursos escolhidos e os respectivos efeitos de sentido almejados conforme o objetivo apresentado.

A metodologia utilizada com a turma em questão surtiu um efeito muito positivo em sala de aula, visto que os estudantes puderam refletir, de forma lúdica, acerca das influências da linguagem enquanto meio de comunicação que pode variar de acordo com o contexto, bem como sobre o rol de recursos que esta possibilita para a interpretação das críticas levantadas, intertextualidades e uso de multimodalidades, além de estimular o gosto pela leitura. Ademais, essa estrutura lhes confere, ainda, abertura para criar narrativas e efeitos de sentido, valorizando o protagonismo do aluno e a liberdade para utilização da língua nas mais diversas situações, tudo isso a partir do conhecimento e domínio da linguagem. Para Ramos & Vergueiro (2009)

[...] o mundo que envolve a área de ensino da Língua Portuguesa (...) tem nas histórias em quadrinhos um forte e pertinente apoio didático. Pois, elas representam contextos reais de uso da Língua Portuguesa; retratam, a seu modo, a sociedade a qual estão inseridas, sendo pertinente a sua análise. (RAMOS; VERGUEIRO (2009, p. 85)

O trabalho com o gênero HQ proporcionou aos alunos a visão de que há vários meios para se estabelecer a comunicação além da linguagem verbal, exemplificando o uso de recursos linguísticos a partir de aulas mais dinâmicas e sem expor o estudante a algo distante de sua realidade. Tal fator demonstra que investir em metodologias diferenciadas pode, sim, gerar resultados positivos, contribuindo para que o ensino-aprendizagem ocorra de forma interessante e agradável no âmbito escolar.

7. Considerações finais

Em face do exposto, podemos afirmar que o gênero HQ representa um produto sociocultural de grande influência, por meio do qual podem ser explorados muitos conteúdos, haja vista a quantidade de recursos e possibilidades utilizados em sua construção, além da forma como estudantes de todas as faixas etárias se identificam com as narrativas, considerando a diversidade de personagens, contextos, linguagens, cores, imagens, figuras estilísticas e outros aspectos com os quais se identificam, na medida em que fazem sentido e ressoam com suas experiências de vida.

Além de se apresentarem como uma forma de arte sequencial que combina imagens e textos, ilustrando situações e narrando histórias por meio do encadeamento de quadros onde palavras combinam e transitam a fim de surtir determinados efeitos de sentido a partir do arranjo entre códigos linguísticos e imagens, o presente trabalho demonstra que as HQ representam, ainda, uma ferramenta por meio da qual o aluno pode conhecer formas variadas de utilização da linguagem, bem como sua influência na formação da identidade do indivíduo, junto a outros aspectos que denotam características de sua personalidade, facultando-lhe uma postura crítico-reflexiva diante dos posicionamentos e problemas do cotidiano levantados em nível individual e coletivo.

Dessa forma, é oportuno sugerir a construção de estratégias metodológicas que proponham parâmetros para a análise de conteúdos por meio do gênero HQ, prática ainda pouco utilizada no meio educacional, mas promissora no âmbito de sala de aula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 6. ed. São Paulo: HUCITE, 1990. p. 93

CALAZANS, Flavio M. A. (Org.). *As histórias em quadrinhos no Brasil: teoria e prática*. São Paulo: Intercom, Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares, 1997.

GOMES, Christina Abreu e SOUZA, Cláudia Nívia Roncarati de. Variáveis fonológicas. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed., 4. reimpr. São Paulo: Contexto 2017.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

KOCH, Ingedore G. Villaça. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 1989.

KOCH, I. G. V. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 1984.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MAURÍCIO DE SOUSA PRODUÇÕES. Apuros de Natal. In. *Chico Bento*. n. 60. São Paulo: Panini Comics, 2011.

MOLLICA, Maria Cecilia. Relevância das variáveis não linguísticas. In. ____; BRAGA, Maria Luiza. *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed., 4. reimpr. São Paulo: Contexto 2017.

QUEIROZ, Silmara Silveira Lemes Sampaio. *Variação linguística e preconceito na fala de peões de comunidades rurais na região de Nova Andradina-MS: uma análise sociolinguística das variantes utilizadas*. Dissertação de Mestrado. Campo Grande-MS, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2015.

RAMOS, Paulo; VERGUEIRO, Waldomiro. *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. – 3. ed., 3. Reimpr. São Paulo: Contexto, 2009.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

VAL, Maria da Graça Costa; VIEIRA, Martha Lourenço. *Língua, texto e interação: caderno do professor*. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005. 46 p. (Coleção Alfabetização e Letramento)

VERGUEIRO, Waldomiro de Castro Santos. *Histórias em Quadrinhos: seu papel na Indústria de Comunicação de Massa*. Dissertação de Mestrado apresentado na Escola de Comunicações e Arte. São Paulo: USP, 1985.